

Érica Kaminishi: ascendências estéticas

Reinterpretações formais de conceitos estéticos orientais constituem o vocabulário estético de Érica Kaminishi.

Modulações circulares e ou sinuosas - distantes do prosaico - reforçam a pureza e harmonia de elementos culturais japoneses amalgamados pela artista às formalidades composicionais ocidentais.

Associações e ou contradições destas culturas presentificam-se em suas obras. A criadora sutilmente incorpora, desvenda e ressignifica idéias-máximas nipônicas fundamentais: WABI-SABI-MA-MONO NO AWARE e a elegância refinada do MIYABI, reconfigurados pela artista à contemporaneidade.

Memórias e resíduos culturais seculares são visíveis em suas criações tridimensionais. Distantes de padrões convencionais relacionam-se, integram-se no espaço expositivo em instalações diferenciadas: releituras coetâneas, sintéticas dos tradicionais jardins japoneses zen-budistas, (que eram pensados para conduzir o espectador a um estado de meditação calma, contemplativa considerados até hoje, por especialistas como uma das modalidades artísticas mais sublimes da cultura oriental) agora são reconfigurados pela percepção estética de Érica Kaminishi à atualidade.

Uma nova maneira de representar visualmente ângulos incomuns de usufruição da arte associada simbolicamente a importantes elementos do patrimônio cultural japonês: JUN –suavidade; SO – simplicidade; SEI – pureza e GA – nobreza.

O olhar subjetivo da artista estabelece conexões do Japão com a sua nacionalidade/identidade brasileira. Érica aproxima-se deste modo a uma alegoria – delineada por Vilém Flusser – da capacidade de apropriação cultural que o ser humano apresenta, em especial os artistas “de se distanciar do concreto da própria existência para encontrar meios expressivos de apreendê-lo e representá-lo de forma cada vez mais abstrata”, metafísica.

Um outro segmento significativo da obra desta artista é marcado pela sua produção bidimensional. Formas circulares e ou sinuosas integram-se a tênues e delicados grafismos caligráficos constituídos de citações diferenciadas de obras de Fernando Pessoa. Este tipo de representação textual também está presente no zen budismo – “na cópia dos sutras sagrados” e representam uma forma de meditação chamada SHAKYOU.

Formas amorfas, irregulares (que lembram nuvens) marcam vários momentos de sua obra, referem-se segundo a própria autora às idealizações do artista plástico japonês do período Momoyama (1573 - 1603) Tosa Mitsuyoshi, que com uma forma singular de registrar a passagem cronológica/temporal na sua pintura renovou de maneira surpreendente e inusitada o processo de representação pictural de então.

Incisões e sulcos formais, sem cores, dialogam serenamente com os grafismos caligráficos e redimensionam a sua obra. Afiguram-se em alguns momentos como linguagens autônomas. Isentas de todo ou qualquer tipo de decorativismo, independentes, confirmam sua versatilidade artística. Indiciam, quem sabe, um novo proceder autoral diferenciado, minimalista, típico da arte japonesa que há séculos destaca no ato criador o conceito do Menos é Mais.

Um vídeo documental da participação de Érica Kaminishi na exposição *Transpacific Bordelands: The Art of Japanese Diaspora - Lima, Los Angeles, México City and São Paulo - Japanese American National Museum of Los Angeles* (17 de setembro de 2017 a 25 de fevereiro de 2018) complementa esta mostra individual da artista na Adelina Galeria.

Nesta instalação a floração da cerejeira - conhecida como a flor da felicidade – simboliza o momento de ruptura da introspecção advinda do fim do rigor do inverno no Japão para o desabrochar da primavera. Além da alegria festiva do HANAMI, o florescimento e a visão da queda das cerejeiras (Sakuras) em flor revelam um aspecto reflexivo, melancólico do modo de vida japonês. Apreciar este acontecimento é tão significativo quanto o seu florescer, pois refletem as dificuldades adstritas da própria vida cotidiana, com suas mágoas e ou contentamentos inerentes ao próprio viver.

Alegoricamente, a escolha de material industrializado – plástico – para representar nesta instalação a flor de cerejeira, reafirma o seu processo criativo de integrar à contemporaneidade os tradicionais valores orientais com a atualidade ocidental.

Assim o ancestral e o atual, o passado e o presente convivem pacificamente e esteticamente complementam-se e transformam-se na linguagem visual de Érica Kaminishi.

João J. Spinelli
Setembro 2017